

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

DEZEMBRO DE 1861

Nº 12

## Aviso

Os Srs. assinantes que não quiserem sofrer atraso na remessa da *Revista Espírita* para o ano de 1862 (5º ano) são convidados a renovar a assinatura antes de 31 de dezembro.

Os assinantes de 1862 poderão obter a coleção dos quatro anos precedentes, em conjunto, ao preço de 30 francos, em vez de quarenta, de modo que, com a assinatura atual não pagarão pelos cinco anos senão 40 francos, ou seja, pelo mesmo preço terão cinco anos em vez de quatro, o que representa um desconto de 20%. Como no passado, os anos tomados isoladamente saem a dez francos cada um.

A segunda tiragem dos anos de 1858, 1859 e 1860 se esgotou. Acaba de ser feita uma terceira reimpressão.

*Nota* – O número de janeiro de 1862 conterà um artigo muito desenvolvido sobre a *Interpretação da doutrina dos Anjos rebeldes, dos Anjos decaídos, do Paraíso perdido* e sobre a *Origem e a condição moral do homem na Terra*.

## Novas Obras do Sr. Allan Kardec

A SEREM PUBLICADAS BREVEMENTE

**O Espiritismo na sua expressão mais simples** – Brochura destinada a popularizar os elementos da Doutrina Espírita. Será vendida a 25 centavos.

**Refutação das críticas contra o Espiritismo**, do ponto de vista do materialismo, da ciência e da religião. Esta última parte terá todos os desenvolvimentos necessários. Conterá a resposta à brochura do padre Marouzeau.

Várias outras obras, das quais uma de importância mais ou menos igual, como volume, a *O Livro dos Espíritos*, serão publicadas no correr de 1862<sup>56</sup>.

## Organização do Espiritismo

1. Até o presente, embora muito numerosos, os espíritas se têm disseminado por todos os países, o que não constitui uma das características menos salientes da doutrina. Como uma semente levada pelo vento, fincou raízes em todos os pontos do globo, prova evidente de que a sua propagação não é efeito de uma camarilha, nem de uma influência local e pessoal. A princípio isolados, os adeptos hoje se surpreendem com o seu número; e como a similitude das idéias inspira o desejo de aproximação, procuram reunir-se e fundar sociedades. Assim, de todas as partes nos pedem instruções a respeito, manifestando o desejo de se unirem à Sociedade central de Paris. É, pois, chegado o momento de nos ocuparmos do que se pode chamar a *organização do Espiritismo*. O *Livro dos Médiuns* (2ª edição) contém observações

56 N. do T.: Nenhuma nova obra desse porte foi publicada em 1862. O *Evangelho segundo o Espiritismo* só seria lançado em 1864, *O Céu e o Inferno* em 1865 e *A Gênese* em 1868.

importantes sobre a formação das Sociedades espíritas, às quais remetemos os interessados, rogando-lhes que meditem cuidadosamente. Diariamente a experiência vem lhes confirmar o acerto; nós as lembraremos de modo sucinto, acrescentando instruções mais circunstanciadas.

2. Inicialmente, falemos dos adeptos ainda isolados em meio a uma população hostil ou ignorante das idéias novas. Todos os dias recebemos cartas de pessoas que estão neste caso e que perguntam o que podem fazer, na ausência de médiuns e de co-participantes do Espiritismo. Estão na situação em que, apenas há um ano, se achavam os primeiros espíritas dos centros mais numerosos de hoje; pouco a pouco os adeptos se foram multiplicando e, se até recentemente havia cidades onde eram contados por unidades isoladas, hoje o são por centenas de milhares; em breve se dará a mesma coisa em toda parte; é uma questão de paciência. Quanto ao que devem fazer, é muito simples. Para começar, podem trabalhar por conta própria, impregnando-se da doutrina pela leitura e meditação das obras especiais; quanto mais se aprofundarem, mais verdades consoladoras descobrirão, confirmadas pela razão. Em seu isolamento, devem julgar-se felizes por terem sido os primeiros favorecidos. Mas se se limitassem a colher na doutrina uma satisfação pessoal, seria uma espécie de egoísmo. Em razão de sua própria posição, têm uma bela e importante missão a cumprir: a de espalhar a luz em seu redor. Os que aceitarem essa missão sem se deixarem deter pelas dificuldades, serão largamente recompensados pelo sucesso e pela satisfação de terem feito uma coisa útil. Sem dúvida encontrarão oposição; serão alvo das zombarias e dos sarcasmos dos incrédulos, da própria malevolência das pessoas interessadas em combater a doutrina; mas, onde estaria o mérito, se não houvesse nenhum obstáculo a vencer? Aos que fossem detidos pelo medo pueril do que os outros pensariam deles, nada temos a dizer, nenhum conselho a dar. Mas aos que têm a coragem da sua opinião, que estão acima das mesquinhas considerações mundanas, diremos que o que têm a

fazer se limita a falar abertamente do Espiritismo, sem afetação, como de uma coisa muito simples e muito natural, sem a pregar e, sobretudo, sem buscar nem forçar convicções, nem fazer prosélitos a qualquer preço. *O Espiritismo não deve ser imposto; vem-se a ele porque dele se necessita*, e porque dá o que não dão as outras filosofias. Convém mesmo não entrar em nenhuma explicação com os incrédulos obstinados: seria dar-lhes muita importância e levá-los a pensar que dependemos deles. Os esforços feitos para os atrair os afastam e, por amor-próprio, obstinam-se na sua oposição. Eis por que é inútil perder tempo com eles; quando a necessidade se fizer sentir, virão por si mesmos. Enquanto esperamos, é preciso deixá-los tranquilos, satisfeitos no seu cepticismo que, acreditai, muitas vezes lhes pesa mais do que dão a parecer; porque, por mais que digam, a idéia do nada após a morte tem algo de mais assustador, de mais doloroso que a própria morte.

Mas, ao lado dos gracejadores, há pessoas que perguntarão: “O que é isto?” Apressai-vos, então, em satisfazê-las, proporcionando-lhes explicações conforme a natureza das disposições que nelas encontrardes. Quando se fala do Espiritismo em geral, é preciso considerar as palavras que se pronunciam como grãos lançados ao léu: muitos deles caem sobre pedras e nada produzem; mas, se cair um só em terra fértil, deveis julgar-vos feliz; cultivai-a e ficai certos de que essa planta, frutificando, dará origem a outras tantas. Para alguns adeptos a dificuldade é responder a certas objeções; a leitura atenta das obras lhes fornecerá os meios. Para tal efeito, poderão se servir da brochura que vamos publicar sob o título de: *Refutação das críticas contra o Espiritismo, do ponto de vista materialista, científico e religioso*<sup>57</sup>.

3. Falemos agora da organização do Espiritismo nos centros já numerosos. O aumento incessante dos adeptos

57 **N. do T.:** Essa brochura teria sido realmente publicada? Pelo menos não aparece na relação de obras espíritas de Allan Kardec, arroladas no capítulo I, volume III (páginas 15 a 20), da pesquisa bibliográfica de Zéus Wantuil e Francisco Thiesen. (**ALLAN KARDEC**, 2. ed. Rio [de Janeiro]:FEB. 1982).

demonstra a impossibilidade material de constituir-se numa cidade, sobretudo, numa cidade populosa, uma sociedade única. Além do número, há a dificuldade das distâncias que, para muitos, é um obstáculo. Por outro lado, é sabido que as grandes reuniões são menos favoráveis às belas comunicações e que as melhores são obtidas nos pequenos grupos. É, pois, na multiplicação dos grupos particulares que devemos concentrar os nossos esforços. Ora, como dissemos, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais e farão mais pela propaganda do que uma sociedade única de quatrocentos membros. Os grupos se formam naturalmente pela afinidade de gostos, sentimentos, hábitos e posição social; todos ali se conhecem e, como são reuniões privadas, tem-se liberdade de número e de escolha dos que nela são admitidos.

4. O sistema da multiplicação dos grupos tem ainda como resultado, conforme o dissemos em várias ocasiões, impedir os conflitos e as rivalidades de supremacia e de direção. Cada grupo naturalmente é dirigido pelo chefe da casa, ou por aquele que para isso for designado; não há, a bem dizer, dirigente oficial, porque tudo se passa em família. O dono da casa, como tal, tem toda autoridade para manter a boa ordem. Com uma sociedade propriamente dita, há necessidade de um local especial, um pessoal administrativo, um orçamento, numa palavra, uma complicação de burocracias, que a má vontade de alguns dissidentes mal-intencionados poderia comprometer.

5. A essas considerações, longamente desenvolvidas em *O Livro dos Médiuns*, acrescentaremos uma, que é preponderante. O Espiritismo ainda não é visto com bons olhos por todo o mundo. Brevemente se compreenderá que é de grande interesse favorecer uma crença que torna melhores os homens e é uma garantia da ordem social. Mas até que estejam bem convencidos de sua benéfica influência sobre o espírito das massas e de seus efeitos moralizadores, os adeptos devem esperar que, seja pela ignorância do verdadeiro objetivo da doutrina, seja em vista do interesse

pessoal, suscitar-lhes-ão embaraços; não apenas os ridicularizarão, mas, quando virem enfraquecidas as armas do ridículo, os *caluniarão*. Serão acusados de loucura, de charlatanismo, de irreligião, de feitiçaria, a fim de amotinar o fanatismo contra eles. Loucura! Sublime loucura esta que faz crer em Deus e no futuro da alma. Para os que em nada crêem, com efeito, é loucura acreditar na comunicação entre mortos e vivos; loucura que faz a volta ao mundo e atinge os homens mais eminentes. Charlatanismo! Eles têm uma resposta peremptória: o desinteresse, pois o charlatanismo jamais é desinteressado. Irreligião! Logo eles, que assim que se tornam espíritas, ficam mais religiosos do que antes. Feitiçaria e comércio com o diabo! Eles, que negam a existência do diabo e só reconhecem a Deus como o único Senhor Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom. Singulares feiticeiros estes que renegariam o seu senhor e agiriam em nome de seu antagonista! Na verdade o diabo não deveria estar muito contente com seus adeptos. Mas as boas razões não constituem a mínima preocupação dos que querem provocar discussões; quando alguém quer matar seu cão, diz que está raivoso. Felizmente a Idade Média lança seus últimos e pálidos clarões sobre o nosso século. Como o Espiritismo lhe vem dar o golpe de misericórdia, não é de admirar vê-la tentar um supremo esforço. Mas sosseguemos, a luta não será longa. Todavia, que a certeza da vitória não nos torne imprudentes, porque uma imprudência poderia, se não comprometer, pelo menos retardar o sucesso. Por esses motivos, a constituição de sociedades numerosas talvez encontrasse obstáculos em certas localidades, o que não ocorreria com as reuniões familiares.

6. Acrescentemos ainda uma consideração. As sociedades propriamente ditas estão sujeitas a numerosas vicissitudes. Mil causas, dependentes ou não de sua vontade, podem levar à dissolução. Assim, suponhamos que uma sociedade espírita tenha reunido todos os adeptos de uma mesma cidade e que, por uma circunstância qualquer, deixe de existir; eis os membros dispersos e desorientados. Agora, se em vez disto houver

cinquenta grupos, caso alguns desapareçam, sempre restarão outros, e outros se formarão; são outras tantas plantas vivazes que, a despeito de tudo, continuam brotando. Não tendes no campo somente uma grande árvore; o raio pode abatê-la. Tende cem, e o mesmo raio não atingirá a todas; quanto menores menos expostas estarão.

Assim, tudo milita em favor do sistema que propomos. Quando um primeiro grupo, fundado em qualquer parte, torna-se muito numeroso, que faça como as abelhas: que, como enxames saídos da colméia materna fundem novas colméias que, por sua vez, formarão outras. Serão outros tantos centros de ação irradiando em seu respectivo círculo, e mais poderosos para a propaganda do que uma sociedade única.

7. Admitida, pois, em princípio a formação dos grupos, resta o exame de várias questões importantes. A primeira de todas é a uniformidade na doutrina. Essa uniformidade não seria mais bem garantida por uma sociedade compacta, pois os dissidentes sempre teriam facilidade de se retirar, formando grupo à parte. Quer a sociedade seja una ou fracionada, a uniformidade será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarem. Será completa em todos os que seguirem a linha traçada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*. Um contém os princípios da filosofia da ciência; o outro, as regras da parte experimental e prática. Estas obras estão escritas com bastante clareza, de modo a não ensejar interpretações divergentes, condição essencial de toda doutrina nova.

Até o presente essas obras servem de regulador à imensa maioria dos espíritas, e por toda parte são acolhidas com inequívoca simpatia; os que dela quiseram afastar-se puderam reconhecer, por seu isolamento e pelo número decrescente de seus partidários, que não tinham a seu favor a opinião geral. Esse assentimento da maioria tem um peso considerável; é um

juízo que não poderia ser suspeito de influência pessoal, considerando-se que é espontâneo e pronunciado por milhares de pessoas que nos são completamente desconhecidas. Uma prova desse assentimento é que nos pediram para as traduzir em diversas línguas: espanhol, inglês, português, alemão, italiano, polonês, russo e até mesmo na língua tártara. Podemos, pois, sem presunção, recomendar o seu estudo e prática às diversas reuniões espíritas, e isto com tanto mais razão quanto são as únicas, até o momento, em que a ciência é tratada de maneira completa. Todas as que foram publicadas sobre a matéria não abordaram senão alguns pontos isolados da questão. Aliás, não temos a menor pretensão de impor nossas idéias; nós as emitimos por ser um direito nosso. Aqueles a quem elas convêm as adotam; os outros as rejeitam, por ser também um direito que lhes assiste. Assim, as instruções que damos se destinam naturalmente aos que caminham conosco, para os que nos honram com o título de seu *chefe espírita*; de maneira alguma pretendemos regulamentar os que querem seguir outra via. Submetemos a doutrina que professamos à apreciação geral. Ora, temos encontrado muitos aderentes para nos dar confiança e nos consolar de algumas dissidências isoladas. O futuro, aliás, será o juiz em última instância. Com os homens atuais desaparecerão, pela força das coisas, as suscetibilidades do amor-próprio ferido, as causas de ciúme, de ambição, de esperanças materiais malsucedidas. Não considerando mais as pessoas, só se verá a doutrina e o juízo será imparcial. Quais as idéias novas que, no seu nascedouro, não tiveram contraditores mais ou menos interessados? Quais os propagadores dessas idéias que não foram alvo das setas da inveja, sobretudo se o sucesso lhes coroou os esforços? Mas voltemos ao nosso assunto.

8. O segundo ponto é a constituição dos grupos. Uma das primeiras condições é a homogeneidade, sem a qual não haveria comunhão de pensamentos. Uma reunião não pode ser estável, nem séria, se não há simpatia entre os que a compõem; e não pode haver simpatia entre pessoas que têm idéias divergentes e que

fazem oposição surda, quando não aberta. Longe de nós dizer com isso que se deva abafar a discussão; ao contrário, recomendamos o exame escrupuloso de todas as comunicações e de todos os fenômenos. Fique, pois, bem entendido, que cada um pode e deve externar a sua opinião; mas há pessoas que discutem para impor a sua, e não para se esclarecer. É contra o espírito de oposição sistemático que nos levantamos; contra as idéias preconcebidas, que não cedem nem mesmo perante a evidência. Tais pessoas incontestavelmente são uma causa de perturbação, que é preciso evitar. A este respeito, as reuniões espíritas estão em condições excepcionais. O que elas requerem acima de tudo é o recolhimento. Ora, como estar recolhido se, a cada momento, somos distraídos por uma polêmica acrimoniosa? Se, entre os assistentes, reina um sentimento de azedume e quando sentimos à nossa volta seres que sabemos hostis e em cuja fisionomia se lê o sarcasmo e o desdém por tudo quanto não concorde inteiramente com eles?

9. Traçamos o caráter das principais variedades de espíritas em *O Livro dos Médiuns*, nº 28. Sendo tal distinção importante para o assunto que nos ocupa, julgamos dever lembrá-la.

Pode-se pôr em primeira linha os que crêem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles o Espiritismo não passa de uma ciência de observação, uma série de fatos mais ou menos curiosos; a filosofia e a moral são acessórios de que pouco se ocupam e de cujo alcance nem mesmo desconfiam. Nós os chamamos *espíritas experimentadores*.

Vêm a seguir os que vêem no Espiritismo algo mais que simples fatos; compreendem o seu alcance filosófico; admiram a moral dele decorrente, mas não a praticam; extasiam-se ante as belas comunicações, como diante de um sermão eloqüente, que ouvem mas não aproveitam. A influência sobre o seu caráter é insignificante ou nula; em nada mudam seus hábitos e não se

privariam de um único prazer: o avarento é sempre avarento, o orgulhoso sempre cheio de si mesmo, o invejoso e o ciumento sempre hostis. Para eles a caridade cristã é apenas uma bela máxima e os bens deste mundo os arrastam na sua estima sobre os do futuro. São os *espíritas imperfeitos*.

Ao lado destes há outros, mais numerosos do que se pensa, que não se limitam a admirar a moral espírita, mas que a praticam e a aceitam em todas as suas conseqüências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar estes curtos instantes para marchar na via do progresso, esforçando-se por fazer o bem e reprimir as más inclinações; suas relações são sempre seguras, porque sua convicção os afasta de todo mau pensamento. Em tudo a caridade é sua regra de conduta. São os *verdadeiros espíritas*, ou, melhor, os *espíritas cristãos*.

10. Se bem compreendido o que precede, compreender-se-á também que um grupo formado exclusivamente por elementos desta última classe estaria em melhores condições, porque entre pessoas que praticam a lei de amor e de caridade é que se pode estabelecer uma séria ligação fraternal. Entre homens para quem a moral não passa de uma teoria, a união não seria durável; como não impõem nenhum freio ao orgulho, à ambição, à vaidade e ao egoísmo, não o imporão também às suas palavras; quererão ser os primeiros, quando deveriam humilhar-se; irritar-se-ão com as contradições e não terão nenhum escrúpulo em semear a perturbação e a discórdia. Entre verdadeiros espíritas, ao contrário, reina um sentimento de confiança e de recíproca benevolência; sentem-se à vontade nesse meio simpático, ao passo que há constrangimento e ansiedade num ambiente heterogêneo.

11. Isto faz parte da natureza das coisas e nada inventamos a respeito. Daí se segue que, na formação dos grupos, deve-se exigir a perfeição? Seria simplesmente absurdo, porque exigir o impossível e, neste ponto, ninguém poderia pretender dele

fazer parte. Tendo como objetivo a melhoria dos homens, o Espiritismo não vem recrutar os que são perfeitos, mas os que se esforçam em o ser, pondo em prática o ensino dos Espíritos. O verdadeiro espírita não é o que alcançou a meta, mas o que deseja seriamente atingi-la. Sejam quais forem os seus antecedentes, será bom espírita desde que reconheça suas imperfeições e seja sincero e perseverante no propósito de emendar-se. Para ele o Espiritismo é uma verdadeira regeneração, porque rompe com o passado; indulgente para com os outros, como gostaria que fossem para consigo, de sua boca não sairá nenhuma palavra malevolente nem ofensiva contra ninguém. Aquele que, numa reunião, se afastasse das conveniências, não só provaria falta de civilidade e de urbanidade, mas falta de caridade; aquele que se melindrasse com a contradição e pretendesse impor a sua pessoa ou as suas idéias, daria prova de orgulho. Ora, nem um nem outro estariam no caminho do verdadeiro Espiritismo cristão. Aquele que pensa ter uma opinião mais justa fará que os outros a aceitem melhor pela persuasão e pela doçura; o azedume, de sua parte, seria um péssimo negócio.

12. A simples lógica demonstra, pois, a quem quer que conheça as leis do Espiritismo, quais os melhores elementos para a composição dos grupos verdadeiramente sérios, e não vacilamos em dizer que são os que exercem maior influência na propagação da doutrina. Pela consideração que exigem, pelo exemplo que dão de suas conseqüências morais provam a sua gravidade e impõem silêncio à zombaria que, quando se ataca ao bem, é mais que ridícula, porque odiosa. Mas, que quereis que pense um crítico incrédulo, quando assiste a experiências cujos assistentes são os primeiros a se divertirem com elas? Sai dali um pouco mais incrédulo do que entrou.

13. Acabamos de indicar a melhor composição dos grupos. Mas a perfeição não é mais possível nos grupos do que nos indivíduos. Indicamos os objetivos e dizemos que quanto mais nos

aproximarmos deles, tanto mais satisfatórios serão os resultados. Às vezes nos deixamos dominar pelas circunstâncias, mas é na eliminação dos obstáculos que devemos concentrar todos os nossos cuidados. Infelizmente, quando criamos um grupo, somos muito pouco rigorosos na escolha, porque, antes de tudo, queremos formar um núcleo. Para nele ser admitido basta, na maioria das vezes, um simples desejo ou uma adesão qualquer às idéias mais gerais do Espiritismo. Só mais tarde é que percebemos ter facilitado em demasia a admissão.

14. Num grupo sempre há elementos estáveis e flutuantes. O primeiro é composto de pessoas assíduas, que formam a base; o segundo, das que são admitidas temporária e acidentalmente. É essencial prestar escrupulosa atenção no que respeita à composição do elemento estável; neste caso, não se deve hesitar em sacrificar a quantidade pela qualidade, porque é ele que dá impulso e serve de regulador. O elemento flutuante é menos importante, porque sempre se é livre para modificá-lo à vontade. Não se deve perder de vista que as reuniões espíritas, como, aliás, todas as reuniões em geral, haurem as forças de sua vitalidade na base sobre a qual se assentam; neste particular, tudo depende do ponto de partida. Aquele que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições deve, antes de tudo, assegurar-se do concurso de alguns adeptos sinceros, que levem a doutrina a sério e cujo caráter, *conciliador* e benevolente, seja conhecido. Formado esse núcleo, ainda que de três ou quatro pessoas, estabelecer-se-ão regras precisas, seja para as admissões, seja para a realização das sessões e para a ordem dos trabalhos, regras às quais os recém-vindos terão de se conformar. Essas regras podem sofrer modificações conforme as circunstâncias, mas há algumas que são essenciais.

15. Sendo a unidade de princípios um dos pontos importantes, não pode existir naqueles que, não tendo estudado, não podem ter opinião formada. Assim, a primeira condição a

impor, caso não queiramos ser interrompidos a cada instante por objeções ou perguntas ociosas, é o estudo prévio. A segunda é uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina de *O Livro dos Espíritos*, além de outras condições especiais julgadas convenientes. Isto quanto aos membros titulares e dirigentes. Para os assistentes, que geralmente vêm para adquirir um pouco mais de conhecimento e de convicção, pode-se ser menos rigoroso; todavia, como há os que poderiam causar perturbação com observações despropositadas, é importante assegurar-se de suas disposições. Faz-se necessário, acima de tudo e sem exceção, afastar os curiosos e quem quer que seja atraído por motivo frívolo.

16. A ordem e a regularidade dos trabalhos são coisas igualmente essenciais. Consideramos de grande utilidade abrir cada sessão pela leitura de algumas passagens de *O Livro dos Médiuns* e de *O Livro dos Espíritos*. Por esse meio, ter-se-ão sempre presentes na memória os princípios da ciência e os meios de evitar os escolhos encontrados a cada passo na prática. Assim, a atenção será fixada sobre uma porção de pontos, que muitas vezes escapam numa leitura particular e poderão ensejar comentários e discussões instrutivas, das quais os próprios Espíritos poderão participar.

Não menos importante é recolher e passar a limpo todas as comunicações obtidas, por ordem de datas, com indicação do médium que serviu de intermediário. Esta última menção é útil para o estudo do gênero da faculdade de cada um. Mas muitas vezes acontece que se perde de vista estas comunicações, que assim se tornam letra morta; isto desencoraja os Espíritos que as tinham dado, com vistas à instrução dos assistentes. É necessário, pois, fazer uma coleta especial das mais instrutivas e proceder à sua releitura de vez em quando. Frequentemente essas comunicações são de interesse geral e não são dadas pelos Espíritos apenas para a instrução de alguns ou para serem relegadas aos arquivos. Assim, é útil que, para a publicidade, sejam levadas ao conhecimento de todos. Examinaremos esta questão num artigo que publicaremos

em nosso próximo número, indicando o modo mais simples, mais econômico e, ao mesmo tempo, mais apropriado para alcançar o objetivo.

17. Como se vê, nossas instruções se destinam exclusivamente aos grupos formados de elementos sérios e homogêneos; aos que querem seguir a rota do Espiritismo moral, visando o progresso de cada um, fim essencial e único da doutrina; enfim, aos que nos querem aceitar por guia e levar em conta os conselhos de nossa experiência. É incontestável que um grupo formado nas condições que indicamos funcionará com regularidade, sem entraves e de maneira proveitosa. O que um grupo pode fazer, outros também o podem. Suponhamos, então, numa cidade, um número qualquer de grupos, constituídos sobre as mesmas bases; necessariamente haverá entre eles unidade de princípios, já que seguem a mesma bandeira; união simpática, já que têm por máxima amor e caridade. Numa palavra, são os membros de uma mesma família, entre os quais não haveria concorrência, nem rivalidade de amor-próprio, já que todos estão animados dos mesmos sentimentos para o bem.

18. Entretanto, seria útil que houvesse entre eles um ponto de ligação, um centro de ação. Segundo as circunstâncias e localidades, os diversos grupos, pondo de lado toda questão pessoal, poderiam designar para tal fim aquele que, por sua posição e importância relativa, estaria mais apto a dar ao Espiritismo um impulso salutar. Se necessário, e se fosse preciso lidar com susceptibilidades, um grupo central, formado pelos delegados de todos os grupos, tomaria o nome de *grupo diretor*. Na impossibilidade de nos correspondermos com todos, com este teríamos relações mais diretas. Em certos casos também poderíamos designar uma pessoa, encarregada mais especialmente para nos representar.

Sem prejuízo das relações que, pela força das coisas, se estabelecerão entre os grupos de uma mesma cidade que marchassem por uma via idêntica, uma assembléia geral anual poderia reunir os espíritas dos diversos grupos numa festa familiar, que seria, ao mesmo tempo, a festa do Espiritismo. Seriam pronunciados discursos e lidas as comunicações mais notáveis, ou apropriadas à circunstância.

O que é possível entre os grupos de uma mesma cidade o é igualmente entre os grupos dirigentes de diversas cidades, desde que, entre eles, haja comunhão de vistas e de sentimentos, isto é, desde que possam estabelecer relações recíprocas. Indicaremos os meios para isto quando falarmos do modo de publicidade.

19. Como se vê, tudo isto é de execução muito simples e sem burocracia; mas tudo depende do ponto de partida, ou seja, da composição dos grupos primitivos. Se formados de bons elementos, serão outras tantas boas raízes que darão bons frutos. Se, ao contrário, forem formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de espíritas duvidosos, mais preocupados com a forma do que com o fundo, que consideram a moral como parte acessória e secundária, há que se esperar polêmicas irritantes, que a nada levam, pretensões pessoais, atritos de susceptibilidades e, em consequência, conflitos precursores da desorganização. Entre verdadeiros espíritas, tais como os definimos, que vêem o objetivo essencial do Espiritismo na moral, que é a mesma para todos, haverá sempre abnegação de personalidade, condescendência e benevolência e, por conseguinte, segurança e estabilidade nas relações. Eis por que temos insistido tanto sobre as qualidades fundamentais.

20. Talvez digam que essas restrições severas sejam um obstáculo à propagação. Isto é um equívoco. Não imagineis que, abrindo a porta ao primeiro que surgisse, estaríeis fazendo mais prosélitos; a experiência aí está para provar o contrário. Seríeis assaltados pela multidão dos curiosos e dos indiferentes, que ali

viriam como a um espetáculo. Ora, os curiosos e os indiferentes são um estorvo, e não auxiliares. Quanto aos incrédulos, seja por sistema, seja por orgulho, por mais que lho mostreis, não tratarão disso senão com zombaria, porque não o compreenderão e não querem dar-se ao trabalho de compreender. Já o dissemos, e nunca repetiríamos em demasia: a verdadeira propagação, aquela que é útil e proveitosa, é feita pelo ascendente moral das reuniões sérias. Se apenas houvesse estas, os espíritas seriam ainda mais numerosos do que o são, porque, forçoso é reconhecer, muitos foram desviados da doutrina porque só assistiram a reuniões fúteis, sem ordem e sem gravidade. Sede, pois, sérios, em toda a acepção da palavra e as pessoas sérias virão a vós: são os melhores propagadores, porque falam com convicção e tanto pregam pelo exemplo, quanto pela palavra.

21. Do caráter essencialmente sério das reuniões não se deve inferir que se deva proscrever sistematicamente as manifestações físicas. Como dissemos em *O Livro dos Médiuns* (n.º 326), elas são de incontestável utilidade, do ponto de vista do estudo dos fenômenos e para a convicção de certas pessoas; mas, para que se possa tirar proveito desse duplo ponto de vista, deve-se excluir todo pensamento frívolo. Uma reunião que possuísse um bom médium de efeitos físicos e que se ocupasse desse gênero de manifestações com ordem, método e gravidade, *cuja condição moral oferecesse toda garantia contra o charlatanismo e a fraude*, não só poderia obter coisas notáveis, do ponto de vista fenomênico, mas produziria muito bem. Assim, aconselhamos a não desprezarem esse gênero de experimentação, caso disponham de médiuns apropriados, organizando, para esse efeito, sessões especiais, independentes daquelas voltadas para as comunicações morais e filosóficas. Os médiuns poderosos dessa categoria são raros; mas há fenômenos que, não obstante vulgares, não são menos interessantes e concludentes, porque provam, de maneira insofismável, a independência do médium. Deste número são as comunicações pela tiptologia alfabética que, muitas vezes, dá os

mais imprevistos resultados. A teoria desses fenômenos é necessária para explicar a maneira como se operam, pois é raro que levem a uma convicção profunda os que não os compreendem. Tem, além disso, a vantagem de dar a conhecer as condições normais em que aqueles se podem produzir e, conseqüentemente, evitar tentativas inúteis e permitir descobrir a fraude, caso esta se insinue em alguma parte.

Equivocaram-se imaginando que fôssemos sistematicamente contrários às manifestações físicas; preconizamos e preconizaremos sempre as comunicações inteligentes, sobretudo as que têm alcance moral e filosófico, porque só elas tendem para o objetivo essencial e definitivo do Espiritismo; quanto às outras, nunca lhes contestamos a utilidade, mas nos levantamos contra o abuso deplorável que delas fazem, ou podem fazer, contra a exploração feita pelo charlatanismo, contra as más condições em que freqüentemente são realizadas, e que se prestam ao ridículo; dissemos e repetimos que as manifestações físicas são o começo da ciência, e que não se avança ficando no á-bê-cê; que, se o Espiritismo não tivesse saído das mesas girantes, não teria crescido como cresce e talvez hoje nem mais se falasse dele. Eis por que nos esforçamos por fazê-lo entrar na via filosófica, certos de que, dirigindo-se mais à inteligência do que aos olhos, tocaria o coração e não seria um capricho da moda. É com esta condição única que poderia dar a volta ao mundo e implantar-se como doutrina. Ora, o resultado ultrapassou, e de muito, a nossa expectativa. Não atribuímos às manifestações físicas senão uma importância relativa, e não absoluta. Sob a óptica de certas pessoas, aí está o nosso erro, porquanto dela fazem uma ocupação exclusiva e nada mais vêem. Se não nos ocupamos pessoalmente dos fenômenos é porque nada de novo nos ensinariam e temos coisas mais essenciais a fazer. Ao contrário, longe de censurar os que deles se ocupam, nós os encorajamos, desde que o façam em condições realmente proveitosas. Sempre que conhecermos reuniões desse gênero,

merecedoras de toda a nossa confiança, seremos os primeiros a recomendá-las à atenção dos novos adeptos. Tal é, sobre o assunto, nossa profissão de fé categórica.

22. Dissemos no começo que diversos círculos espíritas pediram para se unir à Sociedade de Paris; utilizaram até mesmo a palavra *filiar-se*. A respeito, faz-se necessária uma explicação.

A Sociedade de Paris foi a primeira a ser regularizada e legalmente constituída. Por sua posição e pela natureza de seus trabalhos, teve uma grande parte no desenvolvimento do Espiritismo e, em nossa opinião, justifica o título de *Sociedade Iniciadora*, que lhe deram certos Espíritos. Sua influência moral se fez sentir longe e, embora restrita, numericamente falando, tem consciência de ter feito mais pela propaganda do que se tivesse aberto as portas ao público. Formou-se com o único objetivo de estudar e aprofundar a ciência espírita. Para isto não necessita de um auditório numeroso, nem de muitos membros, pois sabe muito bem que a verdadeira propaganda é feita pela influência dos princípios; como não é movida por nenhum interesse material, um excedente numérico ser-lhe-ia mais prejudicial do que útil. Assim, verá com prazer multiplicarem-se à sua volta reuniões particulares, formadas em boas condições, e com as quais poderia estabelecer relações de confraternidade. Ela nem seria conseqüente com seus princípios, nem estaria à altura de sua missão, se pudesse conceber a sombra da inveja; quem disso a julgasse capaz, provaria que não a conhece.

Estas observações são suficientes para mostrar que a Sociedade de Paris não poderia ter a pretensão de absorver as demais Sociedades que se formassem, em Paris ou alhures, com os mesmos procedimentos habituais. A palavra *filiação* seria, pois, imprópria, porque suporia de sua parte uma espécie de supremacia material, à qual ela absolutamente não aspira, e que teria mesmo inconvenientes. Como Sociedade iniciadora e central, pode

estabelecer com os outros grupos ou sociedades relações puramente científicas, limitando-se aí o seu papel; não exerce nenhum controle sobre essas sociedades, que em nada dependem dela e ficam inteiramente livres para se constituírem como bem o entenderem, sem ter de prestar contas a ninguém, e sem que a Sociedade de Paris tenha que se imiscuir no que for em seus negócios. Assim, as sociedades estrangeiras podem formar-se nas mesmas bases, declarar que adotam os mesmos princípios, sem depender da de Paris senão pela concentração dos estudos, dos conselhos que lhe podem pedir e que ela terá prazer em dar.

Aliás, a Sociedade de Paris não se vangloria de estar, mais que as outras, ao abrigo das vicissitudes. Se, por assim dizer, as tivesse em suas mãos e se, por uma causa qualquer, deixasse de existir, a falta de um ponto de apoio resultaria em perturbação. Os grupos ou sociedades devem buscar um ponto de apoio mais sólido que numa instituição humana, frágil por natureza; devem haurir sua vitalidade nos princípios da doutrina, que são os mesmos para todas e que a todas sobrevivem, estejam ou não esses princípios representados por uma sociedade constituída.

23. Estando claramente definido o papel da Sociedade de Paris, para evitar qualquer equívoco ou falsa interpretação, as relações que vier a estabelecer com as sociedades estrangeiras tornam-se extremamente simplificadas; limitam-se a relações morais, científicas e de mútua benevolência, sem qualquer sujeição; permutarão o resultado de suas observações, quer através de publicações, quer de correspondência. Para que a Sociedade de Paris possa estabelecer essas relações é preciso, necessariamente, que seja designada pelas sociedades estrangeiras, que marcharão no mesmo caminho e adotarão a mesma bandeira; ela os inscreverá na lista de seus correspondentes. Se houver vários grupos numa cidade, serão representados pelo grupo central, de que falamos no parágrafo 18.

24. Indicaremos agora alguns trabalhos aos quais poderão concorrer as diversas sociedades de maneira proveitosa. Mais tarde indicaremos outros.

Sabe-se que os Espíritos, não possuindo todos a soberana ciência, podem considerar certos princípios de seu ponto de vista pessoal e, conseqüentemente, nem sempre estarão de acordo. O melhor critério da verdade está naturalmente na concordância dos princípios ensinados sobre diversos pontos, por Espíritos diferentes e por meio de médiuns estranhos uns aos outros. Desse modo foi composto *O Livro dos Espíritos*. Mas ainda restam muitas questões importantes a serem resolvidas desta maneira, cuja solução terá mais autoridade quando obtida por grande maioria. Assim, poderá a Sociedade de Paris dirigir, ocasionalmente, perguntas dessa natureza a todos os grupos correspondentes que, através de seus médiuns, pedirão a solução a seus guias espirituais.

Um outro trabalho consiste em pesquisas bibliográficas. Existe um grande número de obras antigas e modernas, nas quais se encontram testemunhos mais ou menos diretos em favor das idéias espíritas. Uma coleção desses testemunhos seria muito preciosa, mas é quase impossível ser feita por uma só pessoa. Torna-se fácil, ao contrário, se cada um colher alguns elementos em suas leituras e estudos e os transmitir à Sociedade de Paris, que os coordenará.

25. No estado atual das coisas está é a única organização possível do Espiritismo. Mais tarde as circunstâncias poderão modificá-la, mas nada dever ser feito intempestivamente; já é muito que em tão pouco tempo os adeptos se tenham multiplicado para chegar a este resultado. Há nesta simples disposição um panorama que pode estender-se ao infinito, pela simples disposição das engrenagens. Não procuremos, pois, complicá-las, temendo encontrar obstáculos. Os que quiserem

testemunhar-nos a sua confiança podem estar certos de que não os deixaremos na retaguarda e que tudo virá a seu tempo. Só a eles, como dissemos, nos dirigimos nestas instruções, sem a pretensão de nos impor aos que não marcham conosco.

Disseram, por pura maldade, que queríamos fazer escola no Espiritismo. E por que não teríamos esse direito? O Sr. de Mirville não tentou fundar uma escola demoníaca? Por que seríamos obrigados a seguir a reboque deste ou daquele? Não temos o direito de ter uma opinião, de formulá-la, publicá-la e proclamá-la? Se ela encontra tão numerosos aderentes é que, aparentemente, não a julgam desprovida de senso comum. Mas aos olhos de certa gente aí está o nosso erro, pois não nos perdoam por havermos chegado primeiro que eles e, sobretudo, por havermos triunfado. Que seja, pois, uma escola, já que assim o querem. Para nós será uma glória inscrever no frontispício: *Escola do Espiritismo Moral, Filosófico e Cristão*; e a ela convidamos todos os que têm por divisa amor e caridade. Aos que aderirem a esta bandeira, todas as nossas simpatias; o nosso concurso jamais faltará.

*Allan Kardec*

## Necrologia

### MORTE DO SR. JOBARD, DE BRUXELAS

O Espiritismo acaba de perder um de seus adeptos mais fervorosos e esclarecidos. O Sr. Jobard, diretor do Museu Real da Indústria, de Bruxelas, oficial da Legião de Honra, membro da Academia de Dijon e da Sociedade Incentivadora de Paris, morreu em Bruxelas, de um ataque de apoplexia, em 27 de outubro de 1861, aos 69 anos de idade. Nasceu em Baissey (Haute-Marne), em 14 de maio de 1792. Tinha sido, sucessivamente, engenheiro do cadastro, fundador do primeiro estabelecimento de litografia na

Bélgica, diretor do *Industriel* e do *Courrier belge*, redator do *Bulletin de l'Industrie belge*, da *Presse* e, ultimamente, do *Progrès international*. A *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* lhe havia conferido o título de presidente honorário. Eis a apreciação que lhe dispensou o jornal *Siècle*:

“Espírito original, fecundo, pronto para o paradoxo e para o sistema, o Sr. Jobard prestou reais serviços à tecnologia industrial e à causa, tanto tempo abandonada, da propriedade intelectual, da qual foi defensor obstinado e, talvez, excessivo; suas teorias sobre o assunto foram formuladas no seu *Maunotopole*, em 1844. Deve-se a este polígrafo infatigável uma porção de escritos e brochuras sobre todos os assuntos possíveis, desde o *psiquismo oriental* até a *utilidade dos tolos na ordem social*. Deixa ainda contos e fábulas picantes. Entre suas numerosas invenções, figura a engenhosa e econômica *lâmpada para um*, que figurou na exposição universal de Paris, em 1855.”

Nenhum jornal, pelo menos do nosso conhecimento, falou deste que tinha sido um dos caracteres mais notáveis dos últimos anos de sua vida: sua inteira adesão à Doutrina Espírita, cuja causa abraçara com ardor. É custoso aos adversários do Espiritismo confessar que homens de gênio, que não podem ser tachados de loucura sem que se duvide de sua própria razão, adotem essas idéias novas. Para eles, realmente, é um dos pontos mais embaraçosos, dos quais jamais puderam dar uma explicação satisfatória, a de que a propagação dessas idéias se faça primeiro e de preferência na classe mais esclarecida da sociedade. Assim, entrincheiram-se por trás deste axioma banal: o gênio é primo-irmão da loucura; alguns chegam mesmo a afirmar, de boa-fé e sem rir, que Sócrates, Platão e todos os filósofos e sábios que professaram idéias semelhantes não passavam de loucos, principalmente Sócrates, com seu demônio familiar. Com efeito, é possível se ter o senso comum e crer que se tenha um Espírito às suas ordens? Assim, o Sr. Jobard não podia achar graça diante desse

areópago que se erige em juiz supremo da razão humana, da qual pretende ser o padrão métrico. Foi, disseram-nos, para poupar a reputação do Sr. Jobard e em respeito à sua memória que passaram em silêncio esse *pequeno defeito* de seu espírito.

A obstinação nas idéias falsas jamais foi encarada como prova de bom-senso. É, além disso, pequenez, quando se deve ao orgulho, o que é o caso mais comum. O Sr. Jobard provou que era, ao mesmo tempo, homem de senso e de espírito, abjurando sem titubear suas primeiras teorias sobre o Espiritismo, quando lhe demonstraram que não estava certo.

Sabe-se que nos primeiros tempos, antes que a experiência tivesse elucidado a questão, surgiram diversos sistemas, cada um explicando à sua maneira esses fenômenos novos. O Sr. Jobard era partidário do sistema da *alma coletiva*. Segundo tal sistema, “só a alma do médium se manifesta, embora se identifique com a de vários outros seres vivos, presentes ou ausentes, de maneira a formar um todo coletivo, reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um.” De todos os sistemas criados naquela época, quantos ficaram de pé até hoje? Não sabemos se este ainda conta alguns partidários, mas o que é positivo é que o Sr. Jobard, que o havia preconizado e enaltecido, foi um dos primeiros a abandoná-lo, quando apareceu *O Livro dos Espíritos*, a cuja doutrina se ligou francamente, como o atestam as diversas cartas que dele publicamos.

Sobretudo a doutrina da reencarnação o tinha ferido como um rasgo de luz. Dizia-nos ele um dia: “Se tanto *patinei* no labirinto dos sistemas filosóficos, é que me faltava uma bússola; só encontrava caminhos sem saída, que não levavam a nada; nenhum me dava uma solução decisiva dos mais importantes problemas; por mais quebrasse a cabeça, sentia que me faltava uma chave para chegar à verdade. Pois bem! esta chave está na reencarnação, que explica tudo de uma maneira tão lógica, tão conforme à justiça de

Deus, que nos dizemos naturalmente: Sim, é preciso que seja assim.”

Depois de sua morte, terá o Sr. Jobard menosprezado certas teorias científicas, que sustentara durante a vida? Disso falaremos no próximo número, no qual publicaremos as conversas que com ele mantivemos. Digamos, por ora, que ele se mostrou prontamente desprendido e que a perturbação durou muito pouco tempo. Como todos os espíritas que o precederam, confirma em todos os pontos o que nos foi dito do mundo dos Espíritos, ali se encontrando muito melhor que na Terra, na qual, não obstante, deixa pesares sinceros em todos quantos puderam apreciar seu eminente saber, sua benevolência e sua afabilidade. Não era um desses cientistas ciumentos que barram o caminho aos novatos, cujo mérito lhes faz sombra. Todos esses, ao contrário, aos quais estendeu a mão e abriu caminho, bastariam para lhe formar um belo cortejo. Em suma, o Sr. Jobard era um homem de progresso, trabalhador infatigável e partidário de todas as idéias nobres, generosas e próprias a fazer avançar a Humanidade. Se sua perda é lamentável para o Espiritismo, não o é menos para as artes e a indústria, que inscreverão seu nome em seus anais.

## **Auto-de-fé de Barcelona**

(Vide o número de novembro de 1861)

Os jornais espanhóis não foram tão sóbrios de reflexões quanto os jornais franceses sobre esse acontecimento. Seja qual for a opinião que se professe em relação às idéias espíritas, há no fato em si algo de tão estranho para o tempo em que vivemos, que mais excita piedade do que cólera contra gente que parece ter dormido durante vários séculos e haver despertado sem consciência do caminho que a Humanidade percorreu, julgando-se ainda no ponto de partida.

Eis um extrato do artigo em questão, publicado por *Las Novedades*, um dos grandes jornais de Madrid:

“O auto-de-fé celebrado há alguns meses em La Coruña, em que foi queimado grande número de livros à porta de uma igreja, tinha produzido no nosso e no espírito de todos os homens de idéias liberais uma impressão muito triste. Mas é com indignação ainda bem maior que foi recebida em toda a Espanha a notícia do segundo auto-de-fé em Barcelona, nesta capital civilizada da Catalunha, em meio a uma população essencialmente liberal, à qual sem dúvida fizeram este bárbaro insulto, porque nela reconhecem grandes qualidades.”

Depois de relatar os fatos, conforme o jornal de Barcelona, acrescenta:

“Eis o repugnante espetáculo, autorizado pelos homens da união liberal, em pleno século dezenove: uma fogueira em La Coruña, outra em Barcelona, e ainda muitas outras, que não faltarão, em outros lugares. É o que deve acontecer, pois é uma consequência imediata do espírito geral que domina o atual estado de coisas e que em tudo se reflete. Reação no interior, relativa aos projetos de lei apresentados; reação no exterior, apoiando todos os governos reacionários da Itália, antes e depois de sua queda, combatendo as idéias liberais em todas as ocasiões, buscando por todos os lados o apoio da reação, obtido ao preço das mais desastradas concessões.”

Seguem-se longas considerações, referentes aos sintomas e às consequências deste ato, mas que, pelo seu caráter eminentemente político, não são da competência do nosso jornal.

O *Diário de Barcelona*, jornal ultramontano, foi o primeiro a anunciar o auto-de-fé, dizendo: “Os títulos dos livros queimados bastavam para justificar a sua condenação; que é direito e dever da Igreja fazer respeitar a sua autoridade, tanto mais quanto

se dá carta branca à liberdade de imprensa, principalmente nos países que desfrutam da terrível chaga da liberdade de cultos.”

*La Coruña*, jornal de Barcelona, fez a respeito as seguintes reflexões:

“Esperávamos que nosso colega (*El Diálogo*), que tinha dado a notícia, tivesse a bondade de satisfazer a curiosidade do público, seriamente alarmado por semelhante ato, incrível nos tempos em que vivemos; mas foi em vão que esperamos as suas explicações. Desde então temos sido assaltados por perguntas sobre esse acontecimento, e somos obrigados a dizer que os amigos do governo com isso sofrem mais penas do que os que lhe fazem oposição.

“Com vistas a satisfazer a curiosidade tão vivamente excitada, pusemo-nos em busca da verdade; infelizmente o fato é verdadeiro. O auto-de-fé foi celebrado nas seguintes circunstâncias:

*(Segue o relato que demos em nosso último número)*

“Os expedientes empregados para chegar a esse resultado não poderiam ter sido mais diligentes nem mais eficazes. Apresentaram ao controle da Alfândega os livros supracitados. Responderam ao comissário que não podiam ser expedidos sem uma licença do senhor bispo. O senhor bispo estava ausente; quando retornou, apresentaram-lhe um exemplar de cada obra; depois de as haver lido ou mandado ler por pessoas de sua confiança, conformando-se com o julgamento de sua consciência, ordenou que fossem lançados ao fogo, como imorais e contrários à fé católica. Reclamaram contra tal sentença e pediram ao governo, já que não permitiam a circulação de tais livros na Espanha, que pelo menos fosse permitido ao seu proprietário reexpedi-los ao lugar de procedência; mas até isto foi recusado, sob a alegação de que, *sendo contrários à moral e à fé católica, o governo não podia consentir que esses livros fossem perverter a moral e a religião de outros países.*

Malgrado isto, o proprietário foi obrigado a pagar os direitos que, parece, não deveriam ser exigidos. Uma grande multidão assistiu ao auto-de-fé, o que não é de admirar, se se levar em conta a hora e o local da execução e, sobretudo, o inusitado do espetáculo. O efeito produzido sobre os assistentes foi de estupefação entre alguns, de riso em outros e de indignação no maior número, à medida que se davam conta do que se passava. Palavras de ódio saíram de várias bocas, vindo depois as piadas, os ditos grotescos e mordazes dos que viam com extremo prazer a cegueira de certos homens. Nisto têm razão, porque nesta reação, digna do tempo da Inquisição, entrevêm o mais rápido triunfo de suas idéias; zombavam para que essa cerimônia não aumentasse o prestígio da autoridade que, com tanta complacência, se presta a exigências verdadeiramente ridículas. Quando esfriaram as cinzas dessa nova fogueira, observou-se que as pessoas presentes, ou que passavam nas cercanias, instruídas do fato, dirigiam-se para o local do auto-de-fé, ali recolhendo uma parte das cinzas.

“Tal é o relato dos acontecimentos, que não deixam de provocar comentários entre as pessoas que se encontram. Indignam-se, lamentam, alegram-se ou se regozijam, conforme a maneira de interpretar as coisas. Os partidários sinceros da paz, do princípio de autoridade e da religião se afligem com essas demonstrações reacionárias, porque compreendem que às reações se sucedem as revoluções, e porque sabem que os que *semeiam vento só podem colher tempestades*. Os liberais sinceros se indignam que semelhantes espetáculos sejam dados ao mundo por homens que não compreendem a religião sem intolerância, querendo impô-la como Maomé impunha o Alcorão.

“Agora, abstração feita da qualificação dada aos livros queimados, examinaremos o fato em si. Pode a jurisprudência admitir que um bispo diocesano tenha uma autoridade sem apelo e possa impedir a publicação e a circulação de um livro? Dirão que a lei de imprensa assinala o que deve ser feito neste caso. Mas diz a

lei que se os livros forem maus e perniciosos, serão lançados ao fogo com tal aparato? Nela não encontramos nenhum artigo que possa justificar um ato semelhante. Além disso, os livros em questão foram publicamente declarados. Um comissário declara livros à alfândega, porque poderiam estar arrolados na categoria dos assinalados no artigo 6; passam a censura diocesana, o governo poderia proibir-lhes a circulação e a coisa estava acabada. Os sacerdotes deveriam limitar-se a aconselhar aos seus fiéis a abstenção de tal ou qual leitura, caso a julgassem contrária à moral e à religião; mas não se lhes deveria conceder um poder absoluto, que os torna juízes e carrascos. Não vamos emitir nenhuma opinião sobre o valor das obras queimadas; o que visamos é o fato, suas tendências, o espírito que ele revela. Doravante, em que diocese deixariam de usar, se não de abusar, de uma faculdade que em nossa opinião o próprio governo não tem, se em Barcelona, na liberal Barcelona, o fazem? O absolutismo é muito sagaz; ensaia se pode dar um golpe de autoridade em alguma parte; se vencer, ousa mais. Esperemos, todavia, que os esforços do absolutismo sejam inúteis e que todas as concessões que lhe façam não tenham outro resultado senão desmascarar o partido que, repetindo cenas como as de quinta-feira última, se precipite cada vez mais no abismo para onde corre obstinadamente. É o que nos leva a esperar o efeito produzido pelo auto-de-fé em Barcelona.

## A Toutinegra, o Pombo e o Peixinho

(FÁBULA)

À Sra. e Srta. C\*\*\*, de Bordeaux

*Amor e Caridade*

*(Espiritismo)*

Bela e terna roseira um cercado adornava,  
E ali a toutinegra incubara a ninhada;  
Nascera, assim, feliz a alegre petizada;

Mas um desastre, ó céus, lhes reservado estava!  
 Entre raios do céu a tormenta troava;  
 E a chuva, em torrencial imenso,  
 Pelos campos formava um lago extenso  
 E pronto o cercado inundava.  
 Já longe da roseira o ninho se balança;  
 A toutinegra o cobre e se entrega ao destino;  
 Não tem o coração firmado na esperança;  
 O astro da salvação dá-lhe um riso divino.  
 A água escorre. Porém, junto às águas da vargem,  
 Forma um arroio, assim, com o ninho flutuante,  
 Que ante os riscos enfim encontrados na margem,  
 Atinge facilmente um curso navegante.  
 Em meio ao rio um banco de areia se eleva  
 Das águas acima da altura;  
 Um zéfiro que ajuda a uma vaga que o leva,  
 Impele para lá o ninho com brandura.  
 São justos transportes de gozo  
 Que prova a ave ao tocar o ninho pequenino,  
 No entanto, de repente algo um tanto amargoso:  
 Neste lugar, qual seu destino?  
 Seus filhotes estão já querendo alimento:  
 Deve ela para achar ao longe o seu sustento,  
 Deixar na areia o ninho exposto a um mau evento?  
 Se acharam salvação em uma vaga amiga  
 Não deviam temer uma vaga inimiga,  
 Ou, num funesto efeito, algum golpe do vento?  
 No mesmo instante, ali, um pombo bravo pouasa:  
 “Ó pássaro possante, exculpai a quem ousa  
 Apelar à vossa bondade:  
 Trata-se de salvar uma família, enfim;  
 Oh! devolvi o cercado, a roseira, o jardim  
 A meus filhos, aqui, da cheia na impiedade.  
 Dignai-vos nos abrir as asas generosas:  
 Não é tão longe e vós, com garras vigorosas,  
 Jamais levastes vós fardo tão leve.”  
 Não se fez surdo o pombo a tal voz. Em tom breve:  
 “O vosso infortúnio eu deploro  
 E lamento que um caso, então, de que me coro,  
 Obrigue-me a seguir desse meu vôo o curso,  
 Negando-me o prazer de vos dar meu concurso,  
 Ficai, porém, sem inquietude,

E o conselho segui de uma solicitude.  
Que me faz feliz de vos dar:  
Sustentai-vos na fé... O gênio benfeitor  
Que a vida vos salvou, não há de se indispor  
Convosco e vos abandonar.”  
E contente de si nos ares se elevou.  
Uma pequena carpa a nadar escutou  
Tudo, viu tudo e compreendeu.  
“Consolai-vos, disse ela, ó mãe desesperada!  
Compreendo a vossa dor imensa, amargurada,  
Nem tudo ainda se perdeu.  
Forças não tenho a repartir;  
Quanto à margem, porém, penso vos conduzir.”  
E prendendo na boca uns longos filamentos  
Bastos na largura do ninho,  
O desenrola e faz correr em seu caminho.  
A toutinegra, em pé, audazmente ajudava,  
Suas asas abrindo aos ventos.  
A carga se agitou e o peixe que a puxava,  
Para boiar sem risco, a marcha equilibrava,  
Às torrentes ambos atentos.  
Perto da borda, então... Chegaram!  
Alegre a toutinegra e os filhos encontraram  
Relva abundante entre altos fenos;  
E o peixinho lhe diz: “Ó minha cara, ao menos,  
Com os grandes, amanhã, cuidado; da miséria  
Não sentem seu clamor os servos da matéria:  
Os seus dons sempre são conselhos, condolência;  
Sempre a cordial assistência  
Só achareis junto aos pequenos.”

*C. Dombre*

## O Sobrenatural

PELO SR. GUIZOT

Extraímos da nova obra do Sr. Guizot: *A Igreja e a sociedade cristã em 1861*, o extraordinário capítulo a respeito do

*sobrenatural*. Não é, como poderiam pensar, um discurso pró ou contra o Espiritismo, porquanto não se trata da nova doutrina; mas como aos olhos de muita gente o Espiritismo é inseparável do sobrenatural, que segundo uns é uma superstição e, conforme outros, uma verdade, é interessante conhecer a opinião de um homem de valor, como o Sr. Guizot. Há nesse trabalho observações de incontestável acerto, mas, em nossa opinião, também há grandes erros, devidos aos pontos de vista em que se coloca o autor. Faremos o seu exame aprofundado em nosso próximo número.

“Todos os ataques de que hoje é objeto o Cristianismo, por mais diversos que sejam na sua natureza e na sua medida, partem de um mesmo ponto e tendem a um mesmo fim: a negação do sobrenatural nos destinos do homem e do mundo, a abolição do elemento sobrenatural na religião cristã – e em todas as religiões – na sua história e nos seus dogmas.

“Materialistas, panteístas, racionalistas, cépticos, críticos, eruditos, uns altivamente, outros discretamente, todos pensam e falam sob o império da idéia de que o mundo e o homem, a natureza moral e a física, são apenas governados por leis gerais, permanentes e necessárias, cujo curso nenhuma vontade especial jamais veio ou virá suspender ou modificar.

“Não penso aqui discutir plenamente esta questão, que é a questão fundamental de toda religião; quero apenas submeter aos adversários declarados ou velados do sobrenatural, duas observações ou, para dizer mais exatamente, dois fatos que, em minha opinião, a decidem.

“É sobre uma fé natural ao sobrenatural, sobre um instinto inato do sobrenatural que toda religião se funda. Não me refiro a toda idéia religiosa, mas a toda religião positiva, prática, poderosa, durável, popular. Em todos os lugares, sob todos os

climas, em todas as épocas da História, em todos os graus da civilização o homem traz em si esse sentimento ou, melhor, esse pressentimento, de que o mundo que vê, a ordem em cujo seio vive, os fatos que se sucedem regular e constantemente à sua volta não são tudo. Neste vasto conjunto, em vão ele faz, todos os dias, descobertas e conquistas; em vão observa e constata sabiamente as leis permanentes que a tudo presidem: seu pensamento não se encerra neste universo entregue à sua ciência; este espetáculo não basta à sua alma; ela se lança alhures; busca, entrevê outra coisa; aspira ao Universo, a outros destinos e a outro senhor.

*“Para além de todos estes céus o Deus dos céus reside”,*

disse Voltaire, e o Deus que está além de todos os céus não é a natureza personificada, é o sobrenatural em pessoa. É a ele que as religiões se dirigem; é para pôr o homem em relação com ele que elas se fundam. Sem a fé instintiva dos homens no sobrenatural, sem seu impulso espontâneo e invencível para o sobrenatural, não haveria religião.

“De todos os seres da Terra, o único que ora é o homem. Entre seus instintos morais nenhum é mais natural, mais universal, mais invencível que a prece. A criança nela se conduz com uma docilidade atenciosa. O velho a ela se dobra como num refúgio contra a decadência e o isolamento. A prece sobe por si dos jovens lábios que mal balbuciam o nome de Deus, e dos lábios agonizantes que já não têm forças para o pronunciar. Em todos os povos, célebres ou obscuros, civilizados ou bárbaros, encontram-se a cada passo atos e fórmulas de invocação. Por toda parte onde vivem os homens, em certas circunstâncias, em certas horas, sob o império de certas impressões da alma, os olhos se elevam, as mãos se juntam, os joelhos se dobram para implorar ou render graças, para adorar ou apaziguar. Com enlevo ou em comoção, publicamente ou no íntimo do coração, é à prece que o homem se dirige, como derradeiro recurso, para encher o vazio de sua alma ou

carregar os fardos de seus destino; é na prece que busca, quando tudo lhe é adverso, apoio para a sua fraqueza, consolação para as suas dores, esperança para a sua virtude.

“Ninguém desconhece o valor moral e interior da prece, independentemente de sua eficácia, no que respeita ao seu objetivo. Pelo simples ato de orar, a alma sente-se aliviada, eleva-se, acalma-se e se fortifica. Recorrendo a Deus, experimenta esse sentimento de volta à saúde e ao repouso que toma conta do corpo, quando passa de um ambiente tempestuoso e pesado a uma atmosfera serena e pura. Deus acode aos que o imploram, antes e sem que saibam se os atenderá.

“Atendê-los-á? Qual a eficácia exterior e definitiva da prece? Eis o mistério, o impenetrável mistério dos desígnios e da ação de Deus sobre cada um de nós. O que sabemos é que, quer se trate de nossa vida exterior ou interior, não somos apenas nós que dela dispomos, conforme nosso pensamento e vontade própria. Todos os nomes que dermos a esta parte do nosso destino, que não vem de nós mesmos, como acaso, fortuna, estrela, natureza e fatalidade são outros tantos véus lançados sobre nossa impiedade ignorante. Quando assim falamos, recusamos ver Deus onde ele está. Além da acanhada esfera onde estão encerrados o poder e a ação do homem, é Deus que reina e atua. Há, no ato natural e universal da prece, uma fé natural e universal nessa ação permanente, e sempre livre, de Deus sobre o homem e seu destino: Diz São Paulo: ‘Nós somos operários com Deus’; operários com Deus e na obra dos destinos gerais da Humanidade, e na de nosso próprio destino, presente e futuro. Aí está o que nos faz entrever a prece, no laço que une o homem a Deus; mas aí a luz se detém para nós: ‘Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos’; marchamos neles sem os conhecer. Crer sem ver e orar sem prever os resultados, eis a condição que Deus impôs ao homem neste mundo, para tudo quanto ultrapasse os seus limites. É na

consciência e na aceitação desta ordem sobrenatural que consistem a fé e a vida religiosas.

“Assim, tem razão o Sr. Edmond Scherer, quando duvida que ‘o racionalismo cristão seja e jamais possa ser uma religião’. E por que o Sr. Jules Simon, que se inclina perante Deus com um respeito tão sincero, intitulou seu livro: *A religião natural?* Deveria tê-lo chamado *Filosofia religiosa*. A filosofia persegue e atinge algumas das grandes idéias sobre as quais se fundamenta a religião; mas, pela natureza de seus processos e pelos limites de seu domínio, jamais fundou, nem poderia fundar uma religião. Falando mais precisamente, não há religião natural, pois desde que abolis o sobrenatural, a religião também desaparece.

“Quem pensa em negar que esta fé instintiva no sobrenatural, fonte da religião, possa ser e seja, também, a fonte de uma infinidade de erros e de superstições que, por sua vez, é fonte de uma infinidade de males? Aqui, como em tudo, é da condição do homem que o bem e o mal se misturem incessantemente nos seus destinos e nas suas obras, como em si mesmo; mas, dessa incurável mistura não se segue que nossos grandes instintos não tenham sentido e não nos façam senão enganar, quando nos elevam. Aspirando a isto, sejam quais forem os nossos enganos, continua certo que o sobrenatural está na fé natural do homem e que é a condição *sine qua non*, o verdadeiro objetivo, a própria essência da religião.

“Eis um segundo fato que, penso, merece toda a atenção dos adversários do sobrenatural.

“É reconhecido e constatado pela ciência que o nosso globo nem sempre esteve no estado em que hoje se encontra; que em épocas diversas e indeterminadas sofreu revoluções, transformações que alteraram sua face, o regime físico e a população; que o homem, em particular, nem sempre existiu e que,

em vários dos estados sucessivos pelos quais este mundo passou, o homem não poderia ter existido.

“Como apareceu? De que maneira e por que poder começou o gênero humano na Terra?

“Para sua origem, não pode haver senão duas explicações: ou resultou do trabalho íntimo das forças naturais da matéria, ou foi obra de um poder sobrenatural, exterior e superior à matéria; geração espontânea ou criação: uma dessas duas causas se faz necessária para o aparecimento do homem na Terra.

“Mas, admitindo a geração espontânea, em que absolutamente não acredito, esse modo de produção não poderia ter produzido senão seres imaturos, na primeira hora e no primeiro estágio da vida nascente. Creio que ninguém jamais disse, nem dirá que, pela virtude de uma geração espontânea, o homem, isto é, o homem e a mulher, o par humano, tivesse podido sair, um dia, do seio da matéria, já formados e crescidos, em plena posse de sua estatura, de sua força e de todas as suas faculdades, como o paganismo grego fez sair Minerva do cérebro de Júpiter.

“E, contudo, é somente sob essa condição que, aparecendo pela primeira vez na Terra, nela o homem teria podido viver, perpetuar-se e fundar o gênero humano. Imagine-se o primeiro homem, nascendo no estado de primeira infância, vivo, mas inerte, baldo de inteligência, impotente, incapaz de se bastar a si mesmo, tiritando e gemendo, sem mãe para o ouvir e amamentar! Pois é justamente esse o primeiro homem que o sistema da geração espontânea pode dar.

“Evidentemente, a outra origem do gênero humano é a única admissível, a única possível. Só o fato natural da criação explica a primeira aparição do homem aqui na Terra.

“Assim, os que negassem e abolissem o sobrenatural, aboliriam, no mesmo golpe, toda religião real. E é em vão que triunfam do sobrenatural, tantas vezes introduzido com erro em nosso mundo e em nossa história; são constringidos a parar ante o berço sobrenatural da Humanidade, impotentes para dele fazerem sair o homem sem a mão de Deus.”

Guizot

## Meditações Filosóficas e Religiosas

DITADAS AO SR. ALFRED DIDIER, MÉDIUM, PELO ESPÍRITO  
LAMENNAIS

(Sociedade Espírita de Paris)

Já publicamos um certo número de comunicações ditadas pelo Espírito Lamennais, cujo alcance filosófico pudemos observar. Por vezes o assunto era claramente indicado, mas também acontecia, com certa freqüência, não ter um caráter bastante definido para que fosse fácil lhe dar um título. Tendo feito a observação ao Espírito, este respondeu que se propunha dar uma série de dissertações sobre assuntos variados, à qual sugeria o título genérico de *Meditações filosóficas e religiosas*, salvo a liberdade de dar um título particular aos assuntos que o comportassem. Suspendemos, então, a publicação até que tivéssemos um conjunto susceptível de ser coordenado. É essa publicação que começamos hoje e daremos continuidade nos próximos números.

Devemos fazer observar que os Espíritos chegados a um alto grau de perfeição são os únicos aptos a julgar as coisas de uma maneira completamente sã; que até lá, seja qual for o desenvolvimento de sua inteligência e mesmo de sua moralidade, podem estar mais ou menos imbuídos de suas idéias terrenas e ver as coisas de seu ponto de vista pessoal, o que explica as contradições muitas vezes encontradas em suas apreciações.

Lamennais nos parece estar neste caso; sem dúvida há, em suas comunicações, muitas coisas boas e belas, como pensamento e como estilo, mas por certo há outras que podem prestar-se à crítica, cuja responsabilidade absolutamente não assumimos. Cada um é livre para aceitar o que achar bom e rejeitar o que parecer mau. Só os Espíritos perfeitos podem produzir coisas perfeitas. Ora, Lamennais que, sem a menor dúvida, é um Espírito bom e elevado, não tem a pretensão de já ser perfeito, de modo que o caráter sombrio, melancólico e místico do homem seguramente se reflete nesse Espírito e, por conseguinte, nas suas comunicações. Sob esse ponto de vista elas já seriam interessante motivo de observação.

## I

As idéias mudam, mas as idéias e os desígnios de Deus, jamais. A religião, isto é, a fé, a esperança, a caridade, uma só coisa em três, o emblema de Deus na Terra, fica inabalável em meio às lutas e preconceitos. A religião existe, antes de tudo, nos corações e, assim, não pode mudar. É no momento em que reina a incredulidade, em que as idéias se chocam e se entrechocam, sem proveito para a verdade, que aparece esta Aurora que vos diz: Venho em nome do Deus dos vivos, e não dos mortos; só a matéria é perecível, porque é divisível; mas a alma é imortal, porque é una e indivisível. Quando a alma do homem se enfraquece na dúvida sobre a eternidade, toma moralmente o aspecto da matéria; divide-se e, em conseqüência, estará sujeita às provas infelizes nas suas futuras reencarnações. A religião, pois, é a força do homem; diariamente ela assiste às novas crucificações que inflige ao Cristo; diariamente ouve as blasfêmias que lhe são atiradas na face; mas, forte e inquebrantável como a Virgem, assiste divinamente ao sacrifício de seu filho, porque possui em si a fé, a esperança e a caridade. A Virgem desvaneceu-se ante as dores do Filho do Homem, mas não está morta.

## II

## SANSÃO

Após uma leitura da Bíblia sobre a história de Sansão, vi em pensamento um quadro análogo ao do artista influente que a França acaba de perder, Decamps. Vi um homem de estatura colossal, membros musculosos, como o *Dia*, de Miguel Ângelo. Esse homem forte dormia ao lado de uma mulher que fazia queimar, à sua volta, perfumes tais como os orientais sempre souberam introduzir em seu luxo e em seus costumes delicados. Os membros desse gigante caíram em lassidão e um gatinho ora saltitava sobre ele, ora sobre a mulher junto a ele. A mulher curvou-se para ver se o gigante dormia; depois tomou uma tesourinha e se pôs a cortar a cabeleira ondulada do colosso; o resto já sabeis. – Homens armados investiram contra ele e o acorrentaram. Preso nas malhas de Dalila, o homem chamava-se Sansão, conforme mo disse um Espírito que logo vi junto a mim. Este homem representa a Humanidade enfraquecida pela corrupção, isto é, pela avidez e pela hipocrisia. Quando Deus estava com a Humanidade, levantou, como Sansão, as portas de Gaza; quando a Humanidade teve por sustentáculo a liberdade, isto é, o Cristianismo, esmagou os seus inimigos, como sozinho o gigante esmagou o exército dos filisteus. – Assim, respondi ao Espírito: A mulher que está junto dele... Não me deixou concluir e disse: “É a que substituiu a Deus; pense que não quero falar da corrupção dos séculos passados, mas do vosso.” Desde muito tempo Sansão e Dalila se haviam apagado diante dos meus olhos. Eu via o anjo, sempre só, que me disse a sorrir: “A Humanidade está vencida.” Então seu rosto tornou-se grave e profundo, e acrescentou: “Eis os três seres que devolverão à Humanidade seu vigor primitivo; eles se chamam Fé, Esperança e Caridade. Virão em alguns anos e fundarão uma nova doutrina, que os homens chamarão Espiritismo.”

## III

## (Continuação)

Cada fase religiosa da Humanidade possuiu a força divina materializada nas figuras de Sansão, Hércules e Rolando. Um homem, armado com os argumentos da lógica, nos diria: “Eu vos adivinho; mas essa comparação me parece muito sutil e lenta.” É verdade; talvez não tenha vindo ao espírito de ninguém e, contudo examinemos. Ultimamente eu vos falei de Sansão, emblema da força da fé divina nos primeiros tempos. A Bíblia é um poema oriental; Sansão é a figura material dessa força impetuosa que derrubou Heliodoro no átrio do templo e que reuniu as ondas do mar Vermelho após havê-las separado. Esta grande força divina abateu exércitos e derrubou os muros de Jericó. Os gregos, bem o sabeis, vieram do Egito e do Oriente. Esta tradição de Sansão não existia mais senão no domínio da filosofia e da história egípcia. Os gregos lapidaram os colossos de granito do Egito, armaram Hércules com uma maçã e lhe deram a vida. Hércules fez seus doze trabalhos, abateu a hidra de Lerna, a hidra dos sete pecados capitais, e tornou-se, nesse mundo pagão, o símbolo da força divina encarnada na Terra; dele fizeram um deus. Mas notai quais foram os vencedores desses dois gigantes. Como diz Lamartine, deve-se sorrir? chorar? Foram duas filhas de Eva: Dalila e Dejanira. Como vedes, a tradição de Sansão e de Hércules é a mesma que a de Dalila e Dejanira. Apenas Dalila tinha mudado o penteado das filhas do Faraó pelo diadema de Vênus.

Pela noite, no famoso vale de Roncevaux, um gigante, deitado numa ravina profunda, berrava o nome de Carlos Magno em gritos desesperados. Estava semi-esmagado sob enorme rochedo, que suas mãos enfraquecidas em vão tentavam remover. Pobre Rolando! tua hora chegou; os bascos te insultam do alto do rochedo e ainda fazem rolar sobre ti enormes pedras. Entre os teus inimigos se encontram mulheres; talvez Rolando tenha amado uma: sempre Dalila e Dejanira. A História não o diz, mas isto é muito

provável. Sempre foi dito que Rolando morreu como Sansão e Hércules. Discuti agora se quiserdes; mas creio, senhores, que esta comparação não me parece tão sutil. Qual será, nos tempos futuros, a personificação da força do Espiritismo? Quem viver verá, diz-se na Terra. Aqui se diz: O homem verá sempre.

*Lamennais*

*(Continua no próximo número)*

*Allan Kardec*

## Nota Explicativa<sup>58</sup>

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que*

**58 Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

é o *Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões

que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à conseqüência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra

a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos

com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo,

precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A EDITORA